

GEOGRAFIA HUMANISTA E AS HUMANIDADES: Por uma epistemologia fenomenológica

HUMANIST GEOGRAPHY AND HUMANITIES: For a phenomenological epistemology

GÉOGRAPHIE HUMANISTE ET HUMANITÉS: Pour une épistemologie phénoménologique

RESUMO

O texto examina algumas possibilidades de interface entre a geografia e as humanidades a partir de alguns princípios do método fenomenológico, numa epistemologia comum às artes e à geografia tendo como referência a Ciência da Arte. O que procuro é a integridade do ser-no-mundo e nesta busca as humanidades podem apoiar a geografia no seu fazer como ciência renovada. A alternativa que proponho é de procedermos à uma leitura fenomenológica hermenêutica das humanidades, onde o objeto de análise seja investigado em suas essências geográficas. Serão abordados dois conceitos que poderão contribuir para o estudo da paisagem e do lugar como essências intersubjetivas: o de tração e o de sensoriamento íntimo.

Palavras-chave: Geografia Humanista, humanidades, epistemologia.

ABSTRACT

This paper examines some possibilities of interface between geography and the humanities from some principles of the phenomenological method, an epistemology common to the arts and geography with reference to the Science of Art. What I look for is the integrity of being in the world and this pursuit humanities can support geography as a science in its making renewed. The alternative I propose is proceeding to a reading phenomenological hermeneutics of the humanities, where the object of analysis is investigated on their geographical essences. It will examine two concepts that may contribute to the study of landscape and place as intersubjective essences: trajectory and intimate sensing.

Keywords: Humanistic Geography, humanities, epistemology.

RÉSUMÉ

Cet article examine certaines possibilités de l'interface entre la géographie et les humanités a partir de certains principes de la méthode phénoménologique, une épistémologie commune pour les arts et la géographie en référence à la science de l'art. Ce que je recherche, c'est l'intégrité de l'être dans le monde et cette recherche en sciences humaines peut soutenir la géographie comme une science dans sa prise renouvelée. L'alternative que je propose se déroule à une lecture herméneutique phénoménologique des sciences humaines, où l'objet de l'analyse est étudiée sur leurs essences géographiques. Il examinera deux concepts qui peuvent contribuer à l'étude du paysage et à l'endroit, entre essences: le traçage et la détection intime.

Mots-clés: Géographie humaniste, humanités, l'épistémologie.

O que se pretende nesse texto é examinar algumas possibilidades de interface entre a geografia e as humanidades a partir de alguns princípios do método fenomenológico.

A literatura e as artes não são meros instrumentos de apoio para o estudo e o conhecimento geográfico, na verdade fundamentam o conhecimento do ser-no-mundo, ou seja, do que trata em essência a geografia.

A maior parte dos estudos relativos à produção artística tem como parâmetro de análise seus atributos estéticos, ou seja, a produção e a crítica na literatura e nas artes costumam se pautar pelos princípios estéticos utilizados e pelo gosto que no contexto da obra motivaram a utilização desses princípios. Como pode se depreender em texto recente sobre o tema:

Este campo relativamente pouco estudado da pesquisa geográfica, muitas vezes intitulado “geografia literária”, inclui várias perspectivas sobrepostas que seguem os principais eixos epistemológicos e teóricos nas áreas das geografias humana e cultural. Nos anos iniciais, a literatura foi muitas vezes usada para adicionar nuances estéticas às descrições geográficas ou, paradoxalmente, funcionar como um banco de dados para separar os fatos da ficção. Posteriormente, antes da década de 1960, com o crescente interesse pelo regionalismo, a geografia literária não era realmente a análise geográfica da literatura, mas sim uma mão amiga nas representações geográficas descritivas. As perspectivas regionalista, humanista e socialmente crítica diversificaram os modos como a literatura poderia ser usada em termos analíticos e, assim, transformaram a literatura em um objeto de estudo. Com a “virada cultural” das geografias humanas, no final da década de 1980, surgiram abordagens mais variadas, e a forma de perceber o mundo através das lentes da literatura tornou-se uma perspectiva cada vez mais natural e não tão excepcional de investigação. Além disso, de forma semelhante ao que ocorreu nos primeiros anos da geografia literária, citações, trechos e seções de literatura são constantemente referidos em estudos geográficos para ilustrar ou explicar os temas abordados em “outras palavras”, ou, o que é na verdade um motivo a mais plausível, para adicionar certas nuances estéticas para os argumentos. (Ridanpää, s.d).

Minha proposta é de que se pense numa epistemologia comum às artes e à geografia não a partir dos atributos estéticos, mas tendo como referência a Ciência da Arte, como proposta inicialmente por Emil Utitz, aluno de Brentano e discípulo de Husserl, em “*Grundlegung der Allgemeinen Kunstwissenschaft*” (“Fundamento da Ciência Geral da Arte”, publicado entre 1914 e 1920) quando afirmava que, ao lado da estética, há outra ciência distinta, a Ciência da Arte, que estuda as leis da arte, enquanto que a estética estuda a natureza dos fatos estéticos e de seu valor, relativos à beleza (Encina, 2002, 24).

A ciência da arte, segundo Bayer (1993), se refere às qualidades do artista e das obras (individualidade ou gênio do artista), modo de existência, intuição, criação, matéria. A impressão artística não é “simples intuição do sensível” ou “percepção pura”, mas a experiência emocional das representações, a tomada de consciência dos valores como ato superior ao do conhecimento.

Para Worringer o belo natural, a estética, não deve ser considerado como condição para a obra de arte, porque, em princípio as leis que regem a arte nada tem em comum com a estética do belo natural. O que se deve analisar são as condições em que determinada representação se torna uma obra de arte, pois “a criação plástica se apodera do objeto como algo que recebe seu sentido só dela, não como uma coisa que tenha em si significação ou efeito ético ou poético” (Encina, 2002, p. 36) Neste caso a objetividade deveria ser sacrificada à emoção. A noção de estilo não seria uma designação de época, mas a expressão de um determinado grupo humano.

Para o psicólogo Max Dessoir a estética (ciência do belo) se opunha à ciência da arte, que estuda os grandes valores humanos, religiosos, nacionais, familiares, desvinculando a criação artística do domínio da estética. A criação artística seria um processo psicológico que passaria pelas seguintes fases: disposição criadora; concepção da obra de arte; execução. (Bayer, 1993).

A Ciência da Arte clamava por propostas epistemológicas alternativas para o estudo do processo de criação artística. A geografia humanista clama por epistemologias alternativas para o estudo da relação do homem com a Terra, por uma Geosofia, onde o pensamento científico, geográfico e outros (as humanidades aí incluídas), possa ser acompanhado no seu processo de aquisição, de transmissão e de inclusão em sistemas conceituais (Lowenthal, 1961).

Essas alternativas podem ser encontradas tanto nas metodologias de análise fenomenológica das imagens quanto nos fenômenos da imaginação criadora na experiência da obra. Elas operam epistemologicamente e ontologicamente de modo contrário ao modo positivista de se pensar a ciência, onde se propõe a desconstrução dos objetos estudados que, no caso da geografia, podem ser os lugares ou as paisagens.

Fenomenologicamente o que se procura é a integridade do ser-no-mundo, do ser-em-situação, e nesta busca as humanidades em suas diversas modalidades podem apoiar a geografia no seu fazer como ciência renovada.

Esta procura deve considerar, como Chauí propõe a propósito de Merleau-Ponty, que:

É a obra que explica a vida e não o contrário, pois a obra é a maneira como o artista transforma, num sentido figurado e novo, o sentido literal e prosaico de sua situação de fato. A obra de arte é *existência*, isto é, o poder humano para transcender a facticidade nua de uma situação dada, conferindo-lhe um sentido que, sem a obra, ela não possuiria (Chauí, 2002, p. 169, destaques no original).

A geografia tem uma larga tradição de associar-se às humanidades iniciada com Humboldt. Sobre suas investigações que associavam a paisagem com a literatura destacamos o comentário de Marchán (2006, p. 27):

Na atualidade se acusa a tendência de incorporar as diversas relações em uma investigação interdisciplinar ou culturalista. Talvez o antecedente de tentativas semelhantes se remonte à A. von Humboldt, cuja experiência da paisagem é a de um observador colecionista que orienta sua atenção e dirige o olhar aos diversos aspectos da natureza, os classifica segundo seus componentes e interrelaciona de um modo dinâmico, com a finalidade de articular, com o auxílio da fantasia um “quadro” teórico aceitável. Ao procurar conciliar os objetivos literários e científicos, suas investigações sobre a história da Terra derivam de uma experiência imediata da paisagem.

Cabe observar, no entanto, que este olhar “coleccionista” que procura articular as humanidades e a ciência, se preocupa com a apresentação, ou seja, como esse conhecimento é mediado pela linguagem. Nas palavras de Ricotta (2003, p. 69, destaques no original):

Em Humboldt nunca se distingue, afinal, o científico do modo representativo que o recobre. Sua idéia de ciência é indissociável da “forma” escolhida para apresentá-la. O “tratamento estético” mais abstrato revela sua importância ao percebermos que o *conhecimento é mediado, visa à comunicação, é ainda linguagem criadora de universalidade* entre o senso comum, a ciência e a estética, concorrentes para os fins da razão. Aí vem então uma “apresentação” (*Darstellung*) estética da ciência, pronta para pôr em cena o espírito no mundo.

Sauer (2000, p. 149-150) afirmava que a geografia está além das ciências:

Além de tudo aquilo que pode ser transmitido pela instrução e pode ser dominado mediante técnicas, se encontra o domínio da percepção e da interpretação individual, a arte da geografia. A geografia regional verdadeiramente boa, é arte refinadamente figurativa, e a arte criativa não está circunscrita a padrões ou a métodos. [...] A avaliação estética conduz à especulação filosófica, e por que não? As composições da natureza, as linhas e cores do terreno e do manto vegetal não são coisas a considerar? Não são inevitavelmente acertadas as cenas rurais onde o povo simples projetou e implantou suas habitações? As estruturas humanas exprimem funções a partir da adaptação ao sítio, como um selo que identifica as preferências de cada cultura particular. Há uma estética no conjunto de formas, uma morfologia estética da paisagem, frequentemente violada pela civilização industrial.

A Geografia Humanista tem uma contribuição considerável nesse campo, em meados da década de 1980, Ley (1985) citava o interesse contínuo e crescente no uso imaginativo da arte e da literatura na evocação do sentido do lugar.

Gostaria de me deter na contribuição de dois autores durante esse período: Pocock e Rees.

Pocock dedicou-se a estudar as relações entre a geografia e a literatura a partir do “lugar”. Ao abordar a obra dos romancistas ingleses aponta para algumas possíveis interfaces com a geografia:

O romancista tem o dom de articular nossas próprias impossibilidades de articulação, oferecendo, entre outros atributos, uma visão do lugar. A literatura imaginativa, portanto, oferece ao geógrafo um tesouro valioso para que possa explorar o tema central da relação homem-meio ambiente. Em particular, é uma fonte de grande interesse para as abordagens humanísticas atuais, onde a experiência tem sido conceituada em termos de interioridade-exterioridade, reciprocidade vivida, ou como uma dialética entre descanso e movimento. (Pocock, 1981, p. 345).

Esse viés de análise, no entanto, foi criticado por Cosgrove e Jackson ao abordarem o tema da “paisagem como texto” na Geografia Cultural. A crítica se dirige à pouca contribuição para a literatura etnográfica, de uma “etnografia como texto”, que considero infundada. Volta-se também para a metáfora da paisagem como texto, referindo-se explicitamente a Pocock e a Porteous que, segundo os autores:

Revelam ingenuidade teórica ao focar informalmente as representações simbólicas ou icônicas da paisagem, classificando materiais literários ou artísticos sofisticados somente em termos de categorias superficialmente geográficas, como a estética e a beleza da paisagem, o *insider* e o *outsider*, o sentido de lugar, lar e exílio, mobilidade e fixidez. (Cosgrove; Jackson, 2000, p. 21).

Concordo com os autores de que essas, e muitas outras obras, da Geografia Cultural ou da Geografia Humanista, carecem de um aprofundamento no método e também de um referencial epistemológico e ontológico mais rigoroso. Ocorre que, apesar de toda uma “tradição” da Geografia Clássica em se apropriar em seus estudos de aportes provenientes das humanidades, o referencial de análise é tomado segundo uma epistemologia e ontologia – pois acredito que não podemos falar de método – proveniente de discussões no campo das artes ou da literatura, quando deveriam ter como base referenciais metodológicos, epistemológicos e ontológicos provenientes de seu próprio campo, ou seja, da própria geografia.

Necessário observar que na década de 1990 e nos primeiros anos da década seguinte houve um acúmulo de pesquisas e experiências que resultaram em novos olhares sobre a relação da geografia com as humanidades. O próprio Pocock aprofunda seus estudos centrando-se na Haworth das Brontë. Essa leitura o remete para a seguinte reflexão:

A literatura imaginativa contribui para o conhecimento ambiental, tornando-se um importante ingrediente para a antecipação, e o encontro, com os lugares. Escritos, tanto de determinados autores quanto sobre suas obras, podem originar uma classe de paisagens “valiosas” – ou seja, aquela que é valiosa devido às qualidades a ela associadas e não, em primeira instância, pela beleza intrínseca da forma física. As associações variam por si mesmas, da narrativa ficcional ancorada em localidades concretas às aquelas associadas ao local de nascimento, lugares de passagem, ou de visitação de um escritor em particular. (Pocock, 1987, p. 135).

Uma alternativa que considero sub-explorada é a proposta por Bunkše (2004), a de recorrermos a um dos recursos propostos por Wright (1947) em sua Geosofia: adentrarmos no universo da geografia a partir da autobiografia. Como observa o autor:

A simples vida humana considerada como um mundo sempre fascinou os artistas. ... as vidas descritas nestas obras nos interessam não somente porque são obras do gênio artístico mas também porque nos falam das universais alegrias e penas humanas e dos mistérios da vida em tempos e em lugares particulares.

Como um todo essa tradição não é comum na geografia. Certamente, muitos indivíduos são discutidos no pensamento geográfico. No entanto, para o benefício de uma disciplina científica, a ênfase é em suas idéias, não em suas vidas. Muitos geógrafos escreveram ensaios autobiográficos e, inclusive, biografias e experiências pessoais foram utilizadas como pontos de referência para a análise de temas geográficos. Mas o campo tem sido, em grande parte, voltado para o exterior, referindo-se mais ao que é conhecido e compreendido como “a Terra como a casa dos seres humanos” do que com o que é conhecido e compreendido como a geografia oculta de um ser humano em particular. (Bunkše, 2004, p. 4-5).

A alternativa que proponho aqui é a de procedermos à uma leitura fenomenológica hermenêutica das humanidades, onde o objeto de análise seja investigado, desvelado, em suas essências geográficas. Com esse objetivo quero me deter aqui em dois conceitos, derivados do aporte fenomenológico, que poderão contribuir para o estudo da paisagem e do lugar como essências intersubjetivas: o de trajetão, proposto por Berque, e que pode prover

interfaces entre as humanidades e o estudo geográfico das paisagens; o de sensoriamento íntimo, proposto por Porteous (1986) e retomado pelo próprio (PORTEOUS, 1996) e por Karjalainen (2012), que abre as portas da geografia para a compreensão do universo extremamente fugaz e subjetivo dos lugares.

Sobre a trajetção já falei em outros artigos, aqui reproduzo as palavras do próprio Berque (s.d.):

Nesta perspectiva, o estudo do ecúmeno envolve uma abordagem hermenêutica. Na verdade dizer que a mediância (mediance) marca o ecúmeno, é nada mais do que defini-la como a relação que provê o sentido do habitar humano sobre a Terra. É neste contexto que a paisagem expressa uma certa mediância, aquela que será específica para determinados meios, mas não para outros, portadores de outro sentido. É um movimento de abertura que instaura o ecúmeno, a partir da biosfera e do planeta, que são as suas matérias-primas. E é nesta trajetção (trajection) - Este desenvolvimento contingente do ecúmeno entre os dois pólos teóricos de sujeito e objeto, que surgiu o conceito de paisagem

Essa trajetção é cíclica e evolui em espiral, a partir de matrizes (físicas e/ou culturais) que geram marcas e que por sua vez geram matrizes..., mudando o sujeito e o objeto, de modo intersubjetivo, a partir da intencionalidade do ser-no-mundo, que se torna ser-em-situação. Como observa Berque (s.d.): “O ambiente pode mudar por razões puramente físicas (por exemplo, a erupção do Vesúvio em 79), e para os olhos do sujeito, por razões puramente humanas (por exemplo, o poeta diante do mesmo lago, após a morte do ente amado).”

As humanidades são imprescindíveis na observação dessas trajetções da paisagem, não importa se nas mudanças das feições físicas ou se por razões de ordem moral ou espiritual. Não há trabalho de campo, ou medições objetivas, que deem conta das profundas relações travadas entre o homem e seu ambiente. Artistas, imbuídos da tarefa de compartilhar suas inquietações, angústias e paixões têm muito a contribuir para o debate geográfico do tema.

Karjalainen (2012) afirma que o lugar é uma interseção entre as disciplinas científicas e as artes. Ele propõe um método de leitura geográfica e fenomenológica dos romances literários, que acredito possa ser utilizado em outras expressões artísticas como na pintura ou no cinema. Esse método passa por três crivos de leitura: a mimética, a hermenêutica e a textual.

Esse “sensoriamento íntimo” permitiria a produção de mapas relativos a diferentes domínios dos lugares. Segundo o autor:

o sensoriamento íntimo amplia-se para as questões existenciais que compõe os fundamentos para que os humanos encontrem o seu caminho. O corpo e os sentidos são uma parte necessária de nosso encontro pessoal com o mundo. No encontro, a memória humana, um fator existencial chave, desempenha um papel vital. A memória se relaciona com o sentido humano de tempo. Temos nossas percepções do presente, lembranças do passado e antecipações do futuro. (Karjalainen, 2012, p. 8).

Nesse processo de mapeamento dos lugares “a leitura mimética procura a correspondência entre os territórios reais e os descritos (escritos).”, enquanto que na leitura hermenêutica “o interesse não está tanto na paisagem “real”, mas nas maneiras como o lugar é experienciado, interpretado e avaliado ao longo de uma vida”, e finalmente, “no modo textual de ler, o texto e o leitor vivem numa simbiose. Quando eu leio o texto, eu leio ao mesmo tempo sobre o meu próprio ser, onde meu ser é constituído no próprio processo de leitura”. (Karjalainen, 2012, p. 11-12).

Concluo que, em princípio, as humanidades não falam sobre espaços. Falam sobre nossas existências enquanto seres-no-mundo, ou seja, falam de intenções e de ações que acontecem em paisagens e em lugares. Seja na literatura, nas artes plásticas ou no cinema, a base, no sentido dardeliano do termo, ou seja, da Terra como suporte de toda a existência (Dardel, 2011), é imprescindível para o desenrolar dessas intenções e ações.

Torna-se necessário difundir a ideia de que assim como na geografia, também na literatura e nas artes, o espaço é constituído a partir do lugar, como preconizado por Heidegger (2002). Nessa constituição, discorre o próprio Heidegger, devemos abandonar a ideia da imitação e procurarmos as essências:

Pois bem, na obra não se trata de uma reprodução de cada ente singular existente. Muito pelo contrário, trata-se da reprodução da essência geral das coisas. Mas onde está e como é então esta essência geral, para que as obras de arte se conformem com ela? Com que essência de que coisa deve então um templo grego conformar-se? Quem poderia afirmar o impossível: que a ideia de templo estaria apresentada na obra arquitetônica? E, contudo, em tal obra, caso seja uma obra, a verdade está posta em obra. (Heidegger, 2006, p. 26).

A geografia se destaca a partir das essências de mundo, de lugar, de espacialidade na constituição do ser no mundo e na conformação da obra de arte:

§80 – Ser-obra significa: instalar um mundo. Mas o que é isto um mundo?... A essência do mundo somente se deixa anunciar no caminho que aqui precisamos percorrer. E mesmo este anunciar limita-se ao afastamento do que poderia em princípio confundir o olhar essencial.

§81 – Mundo não é a mera reunião das coisas existentes, contáveis ou incontáveis, conhecidas ou desconhecidas. Mundo também não é uma moldura apenas imaginada e representada em relação à soma do existente. *O mundo mundifica*, sendo mais do que o que se pega e percebe, em que nos acreditamos confiantes.

§82 – No que uma obra é obra, dá lugar àquela espacialidade. Dar lugar significa aqui ao mesmo tempo: libertar o livre do aberto e dispor este espaço livre em suas feições. Este dispor se torna presente a partir do que nomeamos erigir. A obra como obra instala um mundo. A obra mantém aberto o aberto do mundo. Mas a instalação de um mundo é somente uma das características essenciais do ser-obra da obra para aqui ser nomeada. A outra que também lhe pertence nós tentamos do mesmo modo tornar visível a partir do que aparece mais evidente na obra. (Heidegger, 2006, p. 30, destaques no original).

Por mais racional e objetiva que o autor pretenda seja a sua obra, como ocorreu no momento de maturidade da literatura modernista, os lugares outorgarão os espaços, como exemplifico a seguir, com o poema “Tecendo a Manhã” de João Cabral de Mello Neto (1997, p. 15):

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Escolhi esse poema porque ele evoca antes de tudo uma paisagem auditiva. Os lugares ocupados pelos galos, replicados pelos ecos proporcionados pelas feições ocultas da paisagem, nos levam a modelar um determinado espaço, guiados pelos fios invisíveis dos cantos que delineiam a sua geometria. Mas esses lugares e essa paisagem expressam a concretude e, ao mesmo tempo, a subjetividade do espaço geográfico, na sua geograficidade.

Referências

- BAYER, Raymond. **História da Estética**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- BERQUE, Augustin. **La Trajection Paysagère**. Disponível em: <http://www.hypergeo.eu/spip.php?article123>.
- BUNKŠE, Edmunds Valdemārs. **Geography and the Art of Life**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2004.
- CHAUI, Marilena. **Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. Tradução de Tania Sheperd. In: CORRÊA, Roberto L; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 15- 32.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ENCINA, Juan de la. **Worringer**. Madrid: Editorial Complutense, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2006.
- KARJALAINEN, Pauli Tapani. Place in Urwind: a humanistic geographical view / Lugar em Urwind: uma perspectiva humanista. Tradução de Werther Holzer. *Geograficidade*, v.2, n. 2, p. 4-22, 2012.
- LEY, David. Cultural/Humanistic Geography. **Progress in Geography**, v. 9, n. 3, p. 415-423, 1985.
- MARCHÁN FIZ, Simón. La experiencia Estética de la Naturaleza y la Construcción del Paisaje. In: MADERUELO, Javier (Dir.). **Paisaje y Pensamiento**. Madrid: CDAN/Abada Editores, 2006. p. 11-54.
- MELO NETO, João Cabral de. **A Educação pela Pedra e Depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- POCOCK, D. C. D. Place and the Novelist. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 6, n. 3, p. 337-347, 1981.
- POCOCK, D. C. D. Harworth: the experience of literary place. In: MALLORY, William E.; SIMPSON-HOUSLEY, Paul. **Geography and Literature: a meeting of the disciplines**. Syracuse: Syracuse University Press, 1987.
- PORTEOUS, J. Douglas. Intimate Sensing. **Area**, n. 18, p. 250-251, 1986.
- PORTEOUS, J. Douglas. **Environmental Aesthetics: ideas, politics and planning**. London: Routledge, 1996.
- RICOTTA, Lúcia. **Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RIDANPÄÄ, Juha. **Geography and Literature**. Disponível em: <http://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-9780199874002/obo-9780199874002-0013.xml>
- SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. Tradução de Werther Holzer. **GEOgrafia**, v. 2, n.4, p. 137-150, 2000.
- WRIGHT, John K. Terrae Incognitae: The Place of Imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 37, n. 1, p. 1-15, 1947.